



CAPÍTULO V

MISERICÓRDIA E JUSTIÇA

Depois, foram para Jericó. E, saindo ele de Jericó com seus discípulos, e uma grande multidão, Bartimeu, o cego, filho de Timeu, estava assentado junto do caminho mendigando.

E, ouvindo que era Jesus de Nazaré, começou a clamar e a dizer: Jesus, filho de Davi! Tem misericórdia de mim.

E muitos o repreendiam para que se calasse; mas ele clamava cada vez mais: Filho de Davi! Tem misericórdia de mim.

E Jesus, parando, disse que o chamassem; e chamaram o cego, dizendo-lhe: tem bom ânimo; levanta-te que ele te chama.

E ele lançando de si a sua capa, levantou-se e foi ter com Jesus.

E Jesus falando disse-lhe: Que queres que eu te faça? E o cego lhe disse: Mestre, que eu tenha vista.

E Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho.

(Marcos, 10:46 a 52)



Depois, foram para Jericó. E saindo ele de Jericó com seus discípulos, e uma grande multidão, Bartimeu, o cego, filho de Timeu, estava assentado junto do caminho mendigando.

(Marcos, 10:46)

A CEGUEIRA PSÍQUICA

1 – Embora durante a estada em Jericó o evangelista não tenha nenhum acontecimento importante para relatar, verificamos que foi o suficiente para ocorrer uma distinção clara entre os integrantes do grupo. Ao entrar, formavam uma equipe aparentemente homogênea: na saída, já era possível identificar três componentes: Jesus, os discípulos e a multidão. Com certeza as realizações ali efetuadas projetaram cada um no seu respectivo plano hierárquico.

Bartimeu, ao contrário do cego de nascença, não é um anônimo, desconhecido, que mesmo depois de curado suscitou dúvidas quanto à sua verdadeira identidade (João 9:9). Dentre todas as características que marcavam a sua personalidade, por uma em especial era reconhecida: a cegueira. Ao que tudo indica isto se dava porque ele permanecia inerte diante de sua própria deficiência; até mesmo usava-a para acomodar-se e extrair vantagens.

A mendicância simboliza a condição humana quando não se conscientiza de possuir algum valor em si mesmo, e põe-se a implorar auxílio externo. Lembra também os carentes e inseguros que estão freqüentemente buscando afeto e apoio para se sustentarem.

2 – A gênese desta cegueira, portanto, não repousa na incapacidade natural de registrar a luz divina conforme estudamos no caso anterior, onde não havia pecado. Aqui entramos no terreno das culpas e nisto nos aprofundaremos posteriormente. Limitando nossa abordagem às informações deste versículo, entenderemos por cego alguém portando alguma privação séria que o impeça de perceber determinados aspectos da vida.

Considerando que toda enfermidade física se constitui num prolongamento de uma mental análoga, encontraremos nos fanáticos idólatras e exaltados, os que se permitem fechar os olhos à razão e à lógica. Acham-se obcecados pelas próprias idéias e objetivos. Recusam-se a identificar as evidências mais ostensivas, para agarrar-se a absurdos argumentos. Negam-se peremptoriamente a analisar com imparcialidade a linguagem dos fatos, fechando-se em acanhado círculo de visão particular, e impedindo, em definitivo, a interferência da luz de conceitos elevados para salutar renovação de posturas e atitudes.

Este isolamento sistemático e voluntário configura um quadro de cegueira psíquica, cujos reflexos no corpo se farão cada vez mais presentes, chegando, com o tempo, a lesar a visão ou alguma outra função, respeitando-se o princípio que o desencadeou, ou seja: surge incapacidade de reconhecer os estímulos para os quais se está habituado ou, pelo menos, capacitado a fazê-lo.

A CEGUEIRA MOLECULAR

3 – As doenças físicas correspondentes a este distúrbio mental são constatadas sempre que uma atividade não é executada porque o organismo deixa de percebê-la.

Parecem-nos muito sugestivo disto, as enfermidades ocasionadas por deficiência enzimática, cuja gravidade varia bastante. Toda reação bioquímica se processa por meio de uma enzima, que promove a catálise, ou seja, a transformação de uma substância em outra. Em certos casos, há diminuição ou ausência deste elemento e não se efetua a mudança necessária. Ora, o não aparecimento desta individualidade química numa determinada etapa do metabolismo gera complicações



importantes, pois todo o restante do sistema vinculado àquela seqüência demonstra aguardar o elo que não surgiu. Baseado nisto, podemos afirmar que, se já havia uma estrutura montada para, através desta enzima, dar prosseguimento à dinâmica interna, é porque este elemento já existira antes. Em outras palavras, em reencarnações pregressas este espírito já teria animado corpos capazes de se utilizar daquele metabólito agora ausente.

Semelhante ao desajuste mental, em que o indivíduo deixa de enxergar certos valores, as células do universo orgânico ou de algum departamento do mesmo, não mais registram o surgimento de uma personagem *x* dentro do transformismo bioquímico, e as conseqüências podem variar de suportável até à morte.

Citaríamos também, de passagem, os erros metabólicos, a exemplo da colocação inadequada e repetitiva de um aminoácido em lugar de outro, numa extensa cadeia protéica, como outro fenômeno de perda de visão ao nível molecular.

4 – Tudo o que contribuí para a união das criaturas reproduz a mensagem cristã perante os corações, e comprova as vantagens terapêuticas do amor. A palavra que sensibiliza, o livro que entenece e o auxílio que reanima são facilmente reconhecidos neste papel. Entretanto, igualmente se pode incluir neste tópico a criatura antipática, o trabalho insuportável e o obstáculo difícil.

Quando nos sentimos em tais circunstâncias, infalivelmente chegou nossa oportunidade de crescimento interior. Transformar uma convivência desgastante em relacionamento fraterno é dos mais gratificantes esforços. Mas, com enorme freqüência, estas chances de ampliar o amor ao próximo e à vida se perdem, por se considerá-los odiosos ou intoleráveis. Não se valoriza a existência destes contatos para a própria evolução. Assim, o Cristo chega e sai sem que o notemos. Como cegos, permanecemos mendigando vantagens afetivas e situações ideais para as nossas experiências, sem ver que as adversidades também significam ocasiões valiosas para dilatar o círculo daqueles a quem amamos. No Sermão da Montanha, Jesus enfatizou: ... *se amardes os que vos amam, que galardão haveis? Não fazem os publicanos também o mesmo?* (Mateus 5:46).





***E ouvindo que era Jesus de Nazaré, começou a clamar e a dizer:
Jesus, filho de Davi! Tem misericórdia de mim.***

(Marcos,10:47)

A INDIGÊNCIA

5 – *Ouvindo que era Jesus* denota diferença com outra possível expressão: ouvindo a Jesus. Portanto, Bartimeu escutou comentários ou notícias da presença do Mestre, mas, suas percepções não eram aguçadas o suficiente para detectá-lo diretamente. Lucas corrobora este raciocínio quando escreve: *E, ouvindo passar a multidão, perguntou que era aquilo.* (Lucas 18:36)

Ao ser informado da presença de alguém com poderes superiores, correlaciona-o com a província de origem, dá-lhe um título de realeza terrena, demonstrando sua tábua de valores e clama por misericórdia porque, no íntimo, admite culpa pelo estado enfermizo em que se demora.

6 – É provável que não lhe ocorresse a obrigatoriedade de ponderar sobre as causas e responsabilidades de sua atual condição. Importava-lhe, exclusivamente, sair daquela fase. Sentia-se preso e implorava clemência; doíam-lhe as drásticas restrições físicas e anelava libertar a visão do império das trevas.

Sentado junto do caminho, vislumbrou num átimo que nada tinha para apresentar como realizações ou conquistas; apenas oferecia, à vista dos transeuntes, um doloroso quadro, na esperança de que se compadecessem de suas misérias.

Ao que tudo indica, Jesus não o curaria espontaneamente, visto que seguia em frente. Deixá-lo ia entregue às mãos perfeitas da justiça, para o refazimento de seu passado doentio. Mas, o quadro era realmente tocante. Em sua indigência espiritual, incapaz ainda de facear com dignidade as próprias faltas, e amalhando sustento graças à sua enfermidade, estende os braços aos céus e supera, com os seus lamentos, o vozerio do ambiente.

– *Senhor, vê como estou! Trago em mim estas marcas que eu mesmo fiz, mas, na verdade, não sei como exatamente.*

Sou hoje um farrapo humano. Perdi não só os olhos, porém, igualmente a luz interior. Vagueio à margem da vida, à semelhança de um réprobo, porque me permiti aviltar todos os bens que detinha. Entretanto, Senhor, aqui onde me encontro, torturado e desprezível, ainda creio que a justiça não governa solitária e a misericórdia partilha todas as decisões, invariavelmente. Tem, pois, piedade de mim!...

A CURA SEM MERECEMENTO

7 – Fato bastante comum, instalar-se uma dificuldade em se conciliar a justiça e a misericórdia nos desígnios da Providência. Existem concepções que exageram tanto para um lado como para outro. Acreditamos que aqui também se possa aplicar o pensamento de que ***tudo tem seu tempo determinado e há tempo para todo propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que plantou...*** (Ec. 3:12), significando que existe a hora em que predomina a justiça e o momento em que o faz a bondade.

A parábola dos talentos exemplifica claramente esta hipótese... *a um deu cinco talentos, e a outro dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade...* (Mateus 25:15). Temos então a primeira fase em que prepondera a misericórdia, havendo distribuição de benefícios, não de acordo com o merecimento, mas conforme *a capacidade de cada um*, para impedir futuramente, alegação de



despreparo ou imaturidade. E o verbo *dar* não permite tergiversações, tanto que o apóstolo Paulo elucidou de modo brilhante que *se é por graça, já não pelas obras de outra maneira, a graça já não é graça.* (Romanos 11:6)

8 – *E muito tempo depois veio o senhor daqueles servos, e fez contas com eles.* (Mateus 25:19). Chegou o período de prevalecer a justiça e dar a cada um segundo o seu mérito. Desfrutar das benesses divinas sem prestação de contas, propiciaria a formação de perdulários. O não aproveitamento dos tesouros concedidos pelo banco celeste em favor da criatura leva a uma punição que é a perda das vantagens desfrutadas, e que se resumiu na alocução: **tirai-lhe pois o talento** (Mateus 25:28). Somente os que sabem valorizar a doação recebida transformam-na em posse legítima. Basta usá-la corretamente para que seja incorporada ao patrimônio espiritual da criatura. Em termos clínicos, corresponderia à saúde relativa, mantida graças a um tratamento prolongado, cujo final é a recuperação plena do enfermo, dispensando o acompanhamento médico.

A justiça prevalece em situações denominadas de *doenças cármicas*. Podemos analisá-las em dois níveis:

a) doença cármica é a enfermidade para a qual não se encontra uma causa que justifique o seu aparecimento na presente reencarnação, e não existe ainda nenhum tratamento satisfatório. Se o paciente foi sempre equilibrado psicologicamente, o surgimento de uma moléstia grave e incurável só se explica com lógica buscando a origem nas vidas passadas deste indivíduo.

b) na doença cármica tem-se então um paciente cuja fração mental da enfermidade já foi curada, encontrando-se o restante em fase de exoneração orgânica. A doença está só no físico, e a pessoa é saudável emocionalmente, servindo, com frequência, como exemplo de resignação, trabalho e bom ânimo.

9 – É profundamente consolador perceber que a misericórdia goza de liberdade para intervir e atuar nos ditames da Providência. A rebeldia acostumou-se a blasfemar contra a justiça e esquecer-se de que a bondade personaliza a eterna reconstrutora de todas as moléstias humanas. Somente a caridade divina consegue ultrapassar o oceano de nossas culpas e reabilitar-nos para uma existência útil, harmoniosa e saudável. Compreendamos que Deus nos perdoa e nos auxilia antecipadamente às nossas rogativas, e comecemos a nos entender com Ele de coração para Coração. Propondo um novo paradigma no relacionamento entre as criaturas, Jesus utilizou a figura de um simples samaritano para torná-lo símbolo da fraternidade, ao socorrer um homem *meio morto*. Ao avaliar em seguida, o entendimento do interlocutor a respeito do importantíssimo tema *o próximo*, que suscitou o relato da parábola, recebe uma resposta correta, e estimula-se a ter, para com os outros, uma conduta semelhante a do samaritano anônimo, **que usou de misericórdia...** (Lucas 10:37).





***E muitos o repreendiam, para que se calasse; mas ele clamava cada vez mais:
Filho de Davi! Tem misericórdia de mim.***

(Marcos, 10:48)

10- Repete-se nesta ocasião o que já observamos com Paralítico de Betesda (João 5:10), quando o meio ambiente impõe óbices ao contato com o Mestre. Lá, o testemunho era carregar bem vivo na consciência o risco, de se acomodar novamente, o que requeria muita vigilância. Aqui, a situação se mostra um tanto mais adversa; exige-se-lhe uma demonstração de firmeza, antes mesmo de receber qualquer benefício do Cristo. Reconheçamos que uma determinação desta intensidade por parte do enfermo não é atitude comum de acontecer.

Com certeza, cansara-se de sofrer, e não lhe importavam as opiniões e as censuras alheias. Almejava curar-se agora, ainda que fosse às custas de um empréstimo perante a Lei. Sabê-lo-ia quitar, sem dúvida. Não se deixaria intimidar por pressões para que desistisse. O abismo em que vagueava, só ele conhecia as agruras e os tormentos. Já pranteara muitas vezes, em absoluta solidão, e sentira em toda amplitude, o imensurável desprezo que o ser humano recebe do mundo, quando na miséria. Entretanto, no imo d'alma albergava a convicção de que para Deus ninguém é insignificante.

O PRANTO, COMO RECURSO TERAPÊUTICO

11 – ***Bem aventurados os que choram, porque eles serão consolados.*** (Mateus 5:4).

Existem muitas formas de se sofrer, porém só uma delas redime: a que promove a catarse da dor e recompõe o indivíduo na postura de submissão à Lei, ajustando-o ao trabalho.

Geralmente, o ser humano revela um nível de insatisfação ante a mínima contrariedade aos seus propósitos que, com rapidez, transmuda-se em inconformismo, revolta ou desespero. Os corações endurecidos não choram; maldizem, vingam-se, ironizam.

Todavia, o sofrimento significa apenas um descompasso com a ordem cósmica. Não é algo introduzido externamente no psiquismo de cada um. Trata-se da percepção equivocada do que possa ser a felicidade. Ainda que seja este um universo caído, o Anti-Sistema – na terminologia ubaldiana – o amor infinito de Deus se encontra presente em todas as dimensões evolutivas. À medida que o espírito ascende, percebe sua manifestação e extasia-se com isto. Se assim não fosse, admitir-se-ia que algum recanto ou fase ascensional pudesse existir sem o toque perfeito do amor de Deus, o que seria diminuí-Lo, seria mutilá-Lo. E se não formos reconduzidos ao Sistema, isto é, a Deus com todo o amor, como assimilaremos este sentimento fundamental? De que outra forma o aprenderíamos?

Como são felizes os que amam!

Quando aceitamos que a origem de toda a dor reside em nós mesmos, deixamos de cobrar da vida o que definitivamente não temos direito. O pranto resignado é um choro diferente; suscitado por uma dor extrema e profunda que renova o espírito, libertando-o do peso interior que o oprimia e esmagava.

Representa uma experiência mística, inesquecível e marcante. É um entrar em paz com o Criador, aceitando-lhe os desígnios e louvando-Lhe a Suprema Vontade. Somente os que sofrem neste diapasão chegam a colocar-se em condição de pleitear pela misericórdia. Pois antes disto qualquer solicitação denotará uma cobrança ou reclamação para com justiça experimentada, contendo ainda gérmen da rebeldia.



O MEIO AMBIENTE

12 – Temos, contudo, a questionar-nos uma infinidade de patologias, individualizadas e catalogadas sob critérios científicos, sugerindo que o sofrimento pode ser causado pelo meio externo.

O espírito belicoso do homem leva-o a guerrear supostos desencadeantes de enfermidades, num conflito interminável. Assemelha-se a um duelo em que só uma das partes luta. O ser humano agride o meio ambiente de todas as formas, e neste impulso destrutivo, teria inapelavelmente que atingir a si próprio.

A enfermidade, para arrasar uma constituição, prescinde, em certos casos, do estímulo externo ao qual seja vulnerável. Basta a postura mental desajustada e isto redundará em modificações energéticas importantes, que por sua vez determinarão perturbações físicas evidentes.

Exemplifiquemos: o medo ou preocupação de que algo nos suceda, seja empobrecimento, assalto, doenças ou morte de familiares. Tal estado de tensão gera danos por si mesmo, ainda que o indivíduo jamais passe por aqueles trâmites. Em homeopatia este conceito é denominado de *origem endógena da doença*, e alguns crêem que se possa generalizar a todos os pacientes. Já vimos, contudo, no capítulo anterior, que em muitas situações há necessidade de uma interação entre indivíduo e meio ambiente para a manifestação da enfermidade. Além disso, como acreditar que, após a instalação de um quadro infeccioso mais grave, a exemplo de uma pneumonia extensa, os microorganismos continuariam sob o controle das forças orgânicas durante todo o processo, se estas se encontram desequilibradas? A partir de certo ponto, os vírus e bactérias começam a multiplicar-se de forma desordenada, ultrapassando os limites do que teria sido *estimulado* pelo desajuste emocional, e provocam prejuízos adicionais. Não podemos concordar com alguns autores homeopatas que vêem os microorganismos sempre num papel de passividade. Partindo dessa premissa, admitimos que, em determinadas circunstâncias, seja válida associação das terapêuticas homeopática e alopática.

13 – A Evangelhoterapia reside, portanto, no esforço individual de ajustar-se, harmonizar-se consigo mesmo, com sua vida, seu meio e sua atividade, enquanto desfrutamos de paz relativa para encetar este empreendimento. Cada um procure analisar-se com sinceridade, à luz da oração, elegendo o Cristo como médico, e o Evangelho como sagradas prescrições.

Recordemo-nos sempre de que, em nossa cegueira, demoraremos a vislumbrar o Mestre, e que ocorrerão muitas tentativas de impedir-nos o contato com Ele. Entretanto, compete-nos multiplicar empenho e coragem porque a Era da Misericórdia já se instalou no planeta há dois mil anos, e como que compensando os obstáculos, Deus nos atrai de todas as formas, tanto que na parábola da grande ceia diz *o senhor ao servo: sai pelos caminhos e valados e força-os a entrar, para que a minha casa se encha*. (Lucas 14:23)





E Jesus, parando, disse que o chamassem; e chamaram o cego, dizendo-lhe: tem bom ânimo; levanta-te que Ele te chama.

(Marcos, 10:49)

A COMUNICAÇÃO

14 – Interromper momentaneamente a trajetória de um grande profeta a fim de atender às necessidades particulares de um mendigo cego parecia algo impossível aos circunstantes, porém foi, com exatidão, o que se deu.

Interessantíssimo, ainda, é verificar que o Cristo manda chamar a uma criatura que implorava socorro, mas os discípulos só distinguiam nela o estereótipo da cegueira, e ao invés de se dirigirem ao homem, fizeram-no ao cego. Quando nos prendemos à forma, os aleijões físicos ou psíquicos absorvem toda a nossa percepção e não valorizamos o conteúdo.

Entretanto, revelando prontidão em obedecer ao Mestre, atendem-lhe, de imediato, ao comando e tratam-no fraternalmente, insuflando-lhe otimismo, como se a dizer: *Eis que os teus clamores foram ouvidos, e é tempo de regozijo, pois tua libertação não tarda. Quando alguém eleva uma súplica a Deus, significa que, pelo menos por alguns segundos, conseguiu ver algo além da sua própria dor, e a resposta surge instantânea, para aquele que a emitiu. Enche-te, pois, de esperança e ergue-te para a vida, porque novos rumos podem ser traçados, doravante.*

15 – Desde que o ser humano vem tentando manter relações com o Alto, estabeleceu inúmeras cerimônias, onde o aparato ou a eloquência verbal ocupam quase todo espaço e tempo, e o ensinamento encontra-se petrificado em palavras carcomidas e estéreis em face de desgastante repetição. Algumas frases célebres do Evangelho ficaram tão arruinadas pelo abuso ao longo dos séculos que proferi-las, muita vez, será confundir os ouvintes mais seletos, a menos que se minudencie o sentido que se lhes quer atribuir.

Enorme quantidade de gente, ainda hoje, para comunicar-se com o Senhor, exige uma solenidade específica para tal fim, e percentagem esmagadora apenas acompanha o ritual, por acreditar que o intermediário tem direitos exclusivos para este tipo de contato.

No cristianismo contemporâneo, alguns vícios de conduta tentam manter-se em disfarces sutis. Por exemplo:

1) solicitações de preces intercessórias repetitivas, que se transformam em rotina, e com isto acomoda os solicitantes; 2) o gesto mecânico de somente anotar nomes e endereços, em livros destinados a este fim, como se isto garantisse a assistência espiritual aos necessitados. Trabalhem, infatigavelmente, para auxiliar as criaturas que, porventura, ainda não o façam, a comunicar-se diretamente com Deus, sem intermediários humanos ou de qualquer espécie. A casa cristã representa o recurso terapêutico último para grande quantidade de indivíduos. Ensinaram-lhes um Deus distante, insensível, inapelável.

Revelemo-lhes que o Criador nos ouve sempre, mesmo quando não nos dirigimos a Ele. Escuta-nos os pensamentos mais secretos, os anseios mais débeis e as esperanças mais remotas. Ele está em toda parte e em todos os seres, sem distinção. Enquanto não O enxergarmos assim, estaremos em relativa cegueira. Daí, a interrogação notável, no *Imitação de Cristo*, na certeza de que um dia a criatura verá a Deus: ***Quando me sereis tudo em todas as coisas?***¹, ou ainda segundo Pietro Ubaldi em *Ascensões Humanas*, comentando o mandamento **ama o próximo como a ti mesmo: eis a chave da felicidade. Eis o meio prático para fundir-se em Deus, atingindo-O através de suas criaturas**².



O QUE CURAR

16 – A cura profunda da enfermidade de cada um é, sempre, o que mais difícil lhe parece para se realizar. Ao paralítico determinou que se levantasse; quem tinha um fluxo de sangue e se beneficiava anonimamente, forçou a identificação para despertar senso de responsabilidade ante a bênção recebida; aquele que errara em pleno conhecimento de causa, portando agora uma hanseníase, orientou que se transformasse em exemplo para os próprios religiosos, e, ao cego de nascença, exige participação na limpeza dos próprios olhos.

No presente caso temos um indivíduo com lesão grave, que se encontra incapaz de muitas atividades e, voluntariamente, amplia suas limitações, colocando-se como dependente da caridade pública. Recomendam-lhe os emissários de Jesus: *Tem bom ânimo!*

Espanta-nos, a princípio, prescrever bom ânimo a um mendigo cego. O que não se pedirá a nós outros, beneficiários de incontáveis regalias diante da Lei? Será razoável insistirmos em procrastinar nossa cura, entulhando nosso psiquismo com elementos prejudiciais à própria saúde? Façamos uma auto-avaliação honesta, e a consciência ditar-nos-á quais as características pessoais que devemos abordar. Quanto mais nos pareça difícil, maior a urgência, porque ***...se o pai de família soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria, e não deixaria minar a sua casa.*** (Lucas 12:39)





E ele, lançando de si a sua capa, levantou-se e foi ter com Jesus.

(Marcos, 10:50)

A CEGUEIRA RELATIVA

17 – Encontramo-nos sob intenso condicionamento em relação aos invólucros de toda a espécie. Muitos têm por capa o planeta como um todo, achando-se mergulhados nele, em profundidade, e daí a atração doentia e o apego desmedido a todas as possibilidades de desfrutar-lhe as sensações e a segurança que a matéria parece proporcionar.

Numa etapa seguinte, outros estacionam na roupagem da casa. O reduto doméstico condensa suas metas e revela-se local único onde a criatura se expande verdadeiramente, se mostrando por inteira.

Adiante, com diferença apenas simbólica em relação ao anterior, deparamo-nos com aqueles que têm por envoltório psicológico o próprio corpo, dando à casa e ao mundo uma importância menor, e estando sua satisfação pendente de sua aparência pessoal.

Depois surgem os que compõem imagens de personalidade e trabalham por preservá-las, indiferentes até certo ponto, ao físico e à moradia. À impressão favorável obtida pelas supostas qualidades, formada através das opiniões dos outros, é essencial para o seu bem-estar, e as críticas ou discordâncias alheias tornam-se insuportáveis por arranhar a idolatrada projeção.

18 – Sem lançar de si a própria capa é impossível levantar-se. Como subir, carregando cargas tão pesadas? Nas delícias deste mundo, não se cogita de ascensão. Absorvido exclusivamente na arrumação do lar, ou em sua aparência física, como pensar no distante céu? Submetido pelo desejo de se constituir numa figura admirada em seu meio, perde-se a noção da real identidade. O primeiro planeja somente vantagens para si, em todos os lugares que isso lhe seja possível. O segundo quer construir um pequeno refúgio, para a felicidade dele mesmo e uns poucos consangüíneos. O terceiro anela montar um ponto de apoio, criar um objeto de referência pessoal, no qual possa satisfazer-se, imaginando-se muito melhor do que o é em verdade.

O problema é que concentrar excessiva atenção num determinado ponto, limita o campo visual, e muitos aspectos igualmente importantes são ignorados, surgindo um quadro de relativa cegueira; o indivíduo só é capaz de se interessar ou entusiasmar por aquilo que tem relação direta com seu acanhado centro de preocupações.

PERSONALIDADE TIPO *TEMPO*

19 – *A Grande Síntese* mostra-nos a evolução das dimensões em que ao *espaço segue-se a fase tempo*, vindo depois o estágio consciência. A maioria das pessoas transita, na atualidade, na dimensão tempo. Eis o lema: que os gozos sejam constantes e as dores momentâneas. Existe uma rebelião sistemática ao sofrimento prolongado. Do inocente analgésico ao suicídio, do entorpecente ao delírio do poder, uma evasão em massa das experiências normais da vida. Vivenciar adversidades ou frustrações duradouras é algo fora de cogitação. Todos os meios parecem lícitos para se escapar de circunstâncias incômodas.

Quão desigual é o combate do ser humano com o tempo. Este leva-lhe tudo, decompõe, destruindo. O homem faz num período para tudo refazer depois, exceto a experiência ou aprendizado.



Atentos ao versículo, veremos que só restam à criatura duas opções: libertar-se de suas capas por iniciativa própria ou o tempo irá consumindo-as uma após outra, ensinando-lhe através de dolorosas perdas, a desvestir-se destes pseudo-complementos que não fazem parte do *eu*.

20 – Quem ainda se encontra preso a estas capas, conforme as analisamos aqui, não conseguirá libertar-se a ponto de dialogar com o Cristo, isto é, encontrar Deus em si mesmo e em tudo o que existe. Estará constantemente aflito por esta e aquela necessidade ou tal e qual desejo, ocupando suas mentes no torvelinho das motivações pessoais e subjugantes, incapaz de oferecer a si mesmo a disponibilidade para refletir sobre a mensagem cristã.

Foi para auxiliar-nos a erradicar as inquietações daninhas com os nossos variados afazeres e centralizar a nossa atenção na essência das coisas, que Jesus prescreveu para Marta a célebre advertência: ***Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária...*** (Lucas 10:41-42)



*Jesus falando disse-lhe: que queres que te faça?
E o cego disse: Mestre, que eu tenha visão.*

(Marcos 10:51)

A IMUNIZAÇÃO PSÍQUICA

21 – É interessante observar, neste diálogo, que somente o enfermo usa o pronome *eu*, enquanto o terapeuta prescinde dele. A cura desta patologia exige um tratamento particularmente prolongado.

Vejam os antes, porém, que o egoísmo ou fechamento da criatura de modo exclusivo em si próprio, atendendo só aos interesses que lhe dizem respeito, é que a impedem de ver o restante do mundo. Com este proceder, ignora as carências das pessoas ao seu redor e perde ensejo de participar ou ser útil em diversas ocasiões. Possivelmente esta fixação em seus problemas faz vê-los aumentados e daí se instale o desânimo. Sair da escravidão do *eu* para alcançar a amplitude do *nós* requer intensa maturação interna.

Altruísmo, portanto, não é renúncia, mas expansão de domínio, não perda, mas conquista e progresso, de compreensão e de ascensão de vida. Reunir em torno de si, como seus semelhantes, um número cada vez maior de seres é multiplicação de poder, é um reencontrar a si mesmo e reviver nesses seres uma vida centuplicada³.

22 – Analisando a resposta de Bartimeu no seu todo, *Mestre, que eu tenha vista*: somos compelidos a reconhecer que o *eu* também indica uma conscientização de que o problema estava nele mesmo, e isto representa um fato básico em qualquer tratamento.

Outro fato positivo desta expressão do enfermo é a sintonização com o saudável. Temos que mentalizar aquilo que aspiramos e canalizar a nossa vontade nesta direção.

Muitas criaturas travam extenuantes batalhas com seus próprios impulsos. Lamentam sua condição e afirmam que anseiam pelo momento de se verem livres e senhores de si mesmos de forma integral. Mas, parecem desconhecer a exigência imperiosa de se mudar o objeto de seu pensamento. É o acalantar passivo de determinadas fantasias que gera, depois de um tempo, a concretização de um ato. As coisas acontecem, primeiro na imaginação e, posteriormente, na realidade concreta. Se a pessoa exerce vigilância sobre seus pensamentos e devaneios, em surgindo as circunstâncias favoráveis à execução de uma atitude desequilibrada, isto não encontra ressonância dentro dele. Muitos indivíduos, em consequência de sua formação ética ou religiosa, gostariam de não se envolver em determinadas experiências, mas não se imunizam, psiquicamente, permitindo que idéias referentes a estes fatos ocupem por demais suas mentes, até que um dia podem ocorrer através de decisões impulsivas e conflituosas. No psiquismo está a matriz de todos os nossos atos e, por consequência, de nossa saúde ou enfermidade. A técnica terapêutica consiste em se mentalizar somente a conduta que a consciência de cada um aprove como digna, banindo do pensamento as atitudes contrárias à paz interior.

O QUE FAZER DO EVANGELHO?

23 – Meditemos agora na indagação do Senhor, ao dizer *que queres que te faça?*

Se este paciente houvesse pedido ao Cristo que colocasse mais luz no sol, ou aumentasse o potencial dos objetos para refletirem a energia luminosa, com certeza seu pedido teria sido recusado, à semelhança dos que solicitaram *sinais do céu* (Mateus 16:1). Muita gente quer apoio para modificar o mundo e os outros, negando-se a aceitar a mínima parcela de imperfeição ou que igualmente careça de renovar-se.



Ao se aproximarem de Jesus com a proposta de que lhes atendesse a um desejo particular, Tiago e João ouviram a mesma pergunta que o enfermo ora examinado: *Que quereis que vos faça?*

E ao lhe informar que almejavam assentar-se um à Sua direita e outro à Sua esquerda, quando Ele fosse erguido na sua Glória, obtiveram o esclarecimento de que não lhe competia fazer tal concessão, afirmando que *isto é para aqueles a quem está reservado*, naturalmente, em função do mérito. (Marcos 20:35-40)

Concluimos, portanto, que nós podemos usar o Cristo como bem entendemos, para as finalidades que nós mesmos estabelecemos, fazendo do Evangelho o que quisermos. Usamo-lo principalmente para solucionar problemas pessoais, sejam financeiros, afetivos ou profissionais. Apelamos para Deus, insistentemente, clamando socorro para a solvência dos mais insignificantes obstáculos. Muita vez, acomodamo-nos de tal forma, neste hábito de buscar o poder divino nas questões comezinhas ou circunstanciais da vida, que descuramos de empregá-lo como nutrição para a alma.

24 – Convém assinalar que o interesse em compartilhar a glória do Cristo, como o manifestaram João e Tiago, representa louvável estímulo para a evolução da criatura. O número de candidatos, no curso dos séculos, torna-se cada vez maior. Ainda hoje, os postulantes a este papel esforçam-se com denodo para se distinguir aos olhos do Justo. Entretanto, existe um custo para se desfrutar desta posição por demais honrosa. Os testemunhos exigidos costumam desalentar até os *escolhidos*. Vejamos esta mesma idéia exposta na linguagem inspirada do livro *Imitação de Cristo*:

Muitos apresentam-se a Jesus, agora, como apreciadores do seu reino celestial; mas poucos querem levar a sua cruz.

Há muitos sequiosos de consolação, mas poucos da tribulação; muitos companheiros à sua mesa, mas poucos de sua abstinência.

Todos querem gozar com ele, poucos sofrer por ele alguma coisa.

Muitos seguem Jesus até o partir do pão, poucos até beber o cálice da paixão.

Muitos veneram seus milagres, mas poucos participam de ignomínia da cruz.

Muitos amam a Jesus enquanto não encontram adversidades...⁴





E Jesus lhe disse: vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho.

(Marcos 10:52)

COMO ACIONAR A MISERICÓRDIA

25 – Vimos neste presente caso, que a cura pode ser concedida por misericórdia, conforme a análise da *Parábola dos Talentos*, ficando sujeita a uma prestação de contas posteriormente. Como se tem acesso à misericórdia? Basta pedir, implorar, insistir para obtê-la? Ora, sem um relacionamento de entrega, de aceitação das regras do jogo, que direcionam o universo e a vida em todas as dimensões, fica impedida a comunicação da consciência individual com a bondade. Parece um contra-senso, o mecanismo da Lei. Enquanto há insatisfação, que é uma recusa em se aceitar a justiça, não se obtém misericórdia, mas aquele que se mostra satisfeito, abrem-se-lhe as portas para a graça. Não parece o avesso da caridade, não dar ao primeiro, que está insatisfeito, e sim ao último, sem inquietações?

Retomemos a parábola citada: *porque qualquer que tiver, será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver, até o que tem ser-lhe-á tirado.* (Mateus 25:29)

Aquele que tem, é o contente, regozija-se com sua condição, seu destino e suas qualidades. Nada tem a cobrar da justiça divina. Coloca-se nas mãos da Lei, como a criança dócil se deixa dirigir pelos pais. Procura ajustar-se às circunstâncias que a vida lhe apresenta e, sem cair no fatalismo, encontra nas adversidades e nas incompreensões, um motivo de profundo aprendizado. E se, porventura, reduzem-se-lhe as forças diante dos empecos da jornada, não se põe como cobrador de possíveis erros do Alto, mas simplesmente ora e recebe, e então, se fortalece.

Entretanto, neste nível, já não há ansiedade por mudança de fatores externos, pois a criatura está plenamente convicta da justiça e conveniência deles; busca-se a transformação interior, a desintegração de qualquer mágoa ou inconformação, que são pesos muito excessivos, um tipo de bagagem desnecessária, e que impede a alma de sentir-se num clima ameno e propício ao trabalho.

26 – Ainda predomina no ser humano da atualidade uma tendência rebelde, de luta com o Ser Supremo e numa quase impossibilidade de se deixar conduzir por Ele. **O Evangelho significa para o homem contemporâneo, uma história confusa. Localizado, deste modo, em seu porvir, ignora-o amplamente.** Assim, fica despojado da felicidade relativa que poderia desfrutar neste mundo. *Até o que tem lhe é tirado*, ou seja, como se deixa dominar pela própria insatisfação, não obtém prazer em nada. Um desgosto, uma frustração em determinada experiência exorbita os próprios limites repercutindo em todos os demais pontos do seu viver. Não há vigilância suficiente. Um transtorno no campo de trabalho invade a relação familiar e vice-versa. Além das inquietações endógenas, que muitas vezes arrasam uma existência, e cujas probabilidades de acontecer são mínimas.

Conciliar-se com Deus e sua justiça torna-se, pois, um item essencial para aliviar o próprio sofrimento. Livre do desespero e da rebeldia, mais ajustado à Lei, a criatura conquista um pedaço do céu, mesmo tendo os pés fincados na dura crosta deste planeta.

A FÉ

27 – Quando Jesus afirma *a tua fé te salvou*, temos que ponderar, então, algumas coisas. Entendemos que a convicção excessiva em algo que se desconhece é como andar no escuro. Contudo, Jesus não podia incentivar que o seguissem através do conhecimento, o qual era muito escasso. Também não recomendou apenas que tivéssemos fé, mas que a conquista desta possibilitaria grandes transformações interiores. Ninguém ignora que o crente, cujo entusiasmo anula o raciocínio, tende ao fanatismo.



Para guiar nossa evolução ulterior, sabendo que o amadurecimento da humanidade impediria a aceitação de dogmas, sem o crivo da razão, o Cristo traçou-nos esta diretriz: ***E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*** (João 8:32). Aqui temos uma afirmação cujo verbo está conjugado no futuro, e parece-nos destinada a ter início nos tempos atuais.

A Ciência é o campo principal de expansão do conhecimento do ser humano hoje. Qualquer filosofia ou religião que desprezar o espírito de pesquisa que vigora em nossa época está fadada a um sério declínio. Não há mais chances para imposições ou mistérios sagrados. Fenômenos importantes, surgidos em décadas recentes especialmente nos leitos hospitalares sobre sensações que acompanham a morte, investigadas em indivíduos que passam pela experiência da morte clínica e retornam à vida, trouxeram excelente contribuição ao entendimento do assunto. Possivelmente pela primeira vez, pessoas comuns, sem qualquer atributo paranormal, puderam testemunhar sobre este tema de grande importância para todos.

Eis que um assunto do maior interesse religioso cai na malhas da ciência e recebe uma abordagem diferente. Disto resulta uma confirmação daquilo que místicos e videntes têm relatado ao longo dos séculos.

28 – Após a experiência de *salvar-se pela fé*, ele *logo viu*. A visão ou conhecimento surge em decorrência de tentativa bem-sucedida. Houvera aprendido o mecanismo de contato com o Criador e doravante passaria a manter um constante diálogo com Ele, a fim de orientar-se, evitando novos erros.

Daí em diante *é seguir a Jesus pelo caminho*. Não parece significar o mesmo percurso. Entendemos como cumprir o seu destino pessoal, dar seqüência a seus compromissos, agora como cristão, levando a mensagem na própria alma.

O contato com o Cristo, neste instante, nos é possível a todos pela via do pensamento. Não há ritual que garanta o êxito, porém, a metodologia para executar este intercâmbio é de uma extrema singeleza.

Para esta vivência de comunhão com Deus não temos outro suporte, por enquanto, que não seja a fé e o recolhimento interior. Crer na sua possibilidade e nos dedicarmos a transformá-la em realidade.

A recomendação evangélica é: ***...tu, quando orares entra no teu aposento, e fechando a tua porta, ora a teu pai que está em oculto...*** (Mateus 6:6).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

-
- ¹ KEMPIS, Tomás de, *IMITAÇÃO DE CRISTO*, São Paulo, Paumape, 1979, página 160.
 - ² UBALDI, Pietro, *ASCENSÕES HUMANAS*, 3ª Edição, Campos, Fundapu, página 202.
 - ³ UBALDI, Pietro, *A GRANDE SÍNTESE*, 11ª Edição, São Paulo, Lake, 1979, página 359.
 - ⁴ KEMPIS, Tomás de, *IMITAÇÃO DE CRISTO*, São Paulo, Paumape, 1979, página 74.